

DORMIR NA ESCOLA: O QUE ISSO SIGNIFICA PARA AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL?

CAREN FRANCIELE F. K. DE PARIS

Introdução

A questão do sono na escola sempre se fez presente em meus estudos e reflexões, afinal qual é a importância deste momento perante tantos outros vividos pelas crianças nas escolas de Educação Infantil?

Da minha escola lembro apenas deste momento, “a hora do soninho” e um dos fatos marcantes durante minha infância foi vivenciar com tremendo pavor este adormecer sem sentido, sem vontade, sem sono, sem brincadeira, sem aprendizado. Ainda lembro com detalhes do cheiro daquela sala, dos travesseiros coloridos e dos colegas que virando de um lado para o outro tentavam fazer o sono chegar, o que dificilmente acontecia. Enquanto as professoras tentavam me acalmar, pois chorava muito, minha vontade era acabar com aquela proposta aos gritos para que ninguém mais fosse forçado a dormir.

Hoje como pedagoga percebo que revivo diariamente, ainda práticas como essa ocorridas há mais de 15 anos, talvez não tão explícitas, mas forjadas, as escondidas por trás de uma prática pedagógica que tem como filosofia o respeito a criança, a sua autonomia, ao seu protagonismo.

A escolha deste tema está embasada no que vivi na infância, como relatado, e em acontecimentos diários que vem me desacomodando, me fazendo pensar sobre as crianças que não sentem desejo e nem ao menos sono para participar do momento do descanso o que desencadeia em mim algumas questões a serem problematizadas: o que as crianças da escola onde trabalho pensam sobre dormir na escola? A hora do sono é um momento de prazer e de escolha? De que forma a escola tem se organizado para a hora do sono das crianças? As crianças pensam em algo diferente para este momento do cotidiano?

Busco aprofundar-me nestas questões de forma que esta pesquisa proporcione um melhor entendimento de como as crianças precisam ser ouvidas e do quanto o cotidiano da escola precisa estar organizado para elas e não para nós, adultos. A partir de observações, desenhos, questionamentos e falas das crianças e professoras, registros fotográficos pretendo encontrar respostas, meios para modificar a estrutura do momento do sono, levantando pontos importantes para uma discussão mais efetiva no contexto escolar no qual estou inserida atualmente, trazendo benefícios principalmente para as crianças. Viver uma escola diferente é o que me move!

1 – O COTIDIANO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

A chegada das crianças na Educação Infantil tem acontecido cada vez mais cedo, e não apenas para filhos de mulheres trabalhadoras das classes populares, mas sim para todas as classes sociais, beneficiando a todas elas. Isso acontece em razão das mudanças sociais, tais como, generalização do trabalho feminino, partilha de responsabilidade pela educação e cuidados dos filhos, diferentes configurações familiares, novas formas de trabalho, condições diversas da vida urbana, necessidade dos adultos de um tempo para si, entre outros.

Isso caracteriza a Educação Infantil, a escola como um espaço de fundamental importância para o crescimento e desenvolvimento integral da criança, priorizando o cuidado, o respeito, a socialização, trocas de experiências, um lugar de inserção sociocultural de constituição de identidades e de subjetividades, afinal as crianças permanecem muitas vezes mais de dez horas por dia dentro deste espaço.

Paulo Fochi em seu livro “Afinal, o que os bebês fazem no berçário”, nos ajuda a entender esta situação,

A escola de educação infantil, ao longo dos anos, vem representando diversas funções para a sociedade, especialmente para adultos e crianças que fazem dessa instituição um espaço de cuidado, de socialização, de aprendizagem e de educação. Isso resulta do fato de que, nas últimas décadas, os diversos segmentos da sociedade têm voltado sua atenção para as crianças em contextos de vida coletiva.

No último século, a vida das crianças foi afetada pela entrada da mulher no mundo do trabalho, o que provocou mudanças na sociedade. Nesse contexto, as tarefas de educar e cuidar, que

antes eram da esfera privada passaram para o poder público.
(2015, p.31)

Segundo a LDB n. 9394/96, Art. 30: A educação infantil será oferecida em: I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré – escolas para crianças de quatro a seis anos de idade. Ter acesso à Educação Infantil é um direito constitucional das crianças desde que nascem, mas também é um direito delas encontrarem um espaço que as respeitem, que as representem, uma escola que garanta a vida em toda a sua totalidade.

Portanto, Trois (2012, p. 12) é uma das autoras que nos fala de um cotidiano que leva em conta uma outra dimensão de escola; segundo ela é “um espaço de experiências, acontecimentos inesperados e imprevisíveis, num mundo que está se constituindo. Um gesto aberto e à procura do novo”. Ao mesmo tempo que se apresenta segundo Barbosa (s.a, p. 17), “plural, mas não excludente. Uma escola que possa escutar as crianças e se construir para e com elas”.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola que dialoga com este tipo de pensamento, situada no interior do Rio Grande do Sul, onde trabalho há três anos. As crianças têm entre três e cinco anos, frequentam a escola em turno integral, compondo turmas de vinte a vinte e três alunos, cada uma delas com uma professora titular e duas estagiárias, uma no turno da manhã e outra no turno da tarde, para auxiliar durante a jornada escolar. Participaram deste estudo cinco professoras e crianças com idade entre quatro e cinco anos, que foram abordadas com nome fictício.

A proposta pedagógica da escola tem como prioridade o desenvolvimento da autonomia da criança, da sua independência enquanto pessoa, criança potente, compreendendo que suas aprendizagens perpassam pelo corpo, através da brincadeira, do lúdico e não da imposição de tarefas rotineiras. Acredita-se enquanto escola que o ato pedagógico não é apenas o momento em que se faz uma pesquisa sobre um determinado tema de um projeto do interesse das crianças, mas todos os outros que compõem o cotidiano dela na escola, como, ir ao banheiro, amarrar os cadarços, escolher um material para brincar/usar em uma arte, servir o suco, escolher uma fruta e descasca-la, escovar os dentes e o simples ato de servir-se sozinho no momento do almoço, momentos estes que são ricos em aprendizagem, em significado e importância.

Barbosa (2009) menciona sobre uma “escola da infância”, que pensa, propõe, vive uma escola de uma outra forma, de um outro jeito. Uma ideia que vem de encontro com um dos princípios pedagógicos da escola pesquisada, onde acredita-se que a escola da infância é o lugar no qual se promove a convivência em grupo, a partilha, o respeito ao outro, o acolhimento e a celebração da diversidade.

Pensando na escola, no cotidiano, na criança hoje, logo se entende que é um grande desafio, porém não impossível, fazer as palavras acontecerem, já que não é desta forma que a jornada escolar é vista, pensada, muito menos o respeito as crianças. Precisamos com urgência realizar, praticar, viver, acolher o que temos no papel, o que temos pensado, escrito, pesquisado, documentado. Porque é a partir daí que vai nascer uma escola diferente, que ouve, que acolhe as diversas opiniões das crianças, que acredita em uma infância forte, potente, que transforma o seu meio.

A partir dos estudos de Malaguzzi que nos mostra esta imagem da criança e nos diz que estas possuem muito potencial, mas muitas vezes não se torna visível “[...] uma declaração contra a traição do potencial das crianças, e um alerta de que elas, antes de tudo, precisavam ser levadas a sério” (1999^a, p.67).

Há séculos as crianças esperam ter credibilidade. Credibilidade nos seus talentos, nas suas sensibilidades, nas suas inteligências criativas, no desejo de entender o mundo. É necessário que se entenda que isso que elas querem é demonstrar aquilo que sabem fazer. A paixão pelo conhecimento é intrínseca a elas.

Por estes motivos o desejo por uma escola diferente está pulsante, dar ouvidos as crianças quando não sentem desejo de dormir, quando não sentem vontade de comer toda a comida que está no prato e não força-la, considerar que elas tem opinião própria e por sua vez podem contribuir para um outro momento de descanso que não seja “só” dormir, entender, de fato, que elas sentem desejos, vontades, aceitar e apreciar que “estamos diante de crianças que estão à procura de desafios, que buscam entender os significados e que tem diferenciadas formas de indagarem sobre a vida” (TROIS, 2012, p. 5).

Lembrei-me ao refletir sobre esta escrita, da leitura de um poema do livro de Janusz Korczak, “Quando eu voltar a ser criança” que nos faz pensar nas infâncias e no

quanto ainda temos que aprender com elas, enquanto professores, enquanto escola, enquanto sociedade.

Criança é surpreendente,
sabe-se pouco ou quase
nada sobre ela.
Às vezes não a entendemos.
Sua linguagem é misteriosa,
embora tão simples.
Como compreender seu
mundo, seu modo de ser?
Será que é difícil e nos cansa
chegar a seu nível que
consideramos pequeno, minúsculo,
para o qual precisamos nos
inclinar, descer, dobrar os joelhos?
É engano. Estamos equivocados.
Não é isto que nos cansa, e sim
o fato de termos de nos elevar
até alcançar o nível dos
sentimentos das crianças.
Elevar-nos, subir, ficar na
ponta dos pés, estender a mão
para ensinarmos e aprendermos
com elas.

2 – HORA DE ARRUMAR A CAMA! A ORGANIZAÇÃO DOS ADULTOS E DAS CRIANÇAS.

Quando comecei a trabalhar na escola em Julho de 2014, demorei para entender a proposta pedagógica que também utiliza a metodologia sociointeracionista, esta que Vygotsky conceitua como,

(...) a formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade a seu redor – ou seja, homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Para ele o que interessa é a interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente, a chamada experiência pessoalmente significativa. (1998, p. 97)

Ainda me parece confusa, pois, como disse anteriormente nada é realizado como no papel; a impressão que tenho organizando a pesquisa é que todos sabem, conhecem a

proposta, mas não vivem, não praticam, pelo menos da forma como deveria ser. Compreendo que o cotidiano em uma escola de Educação Infantil é árduo e cheio de desafios, mas as crianças estão ali querendo ser ouvidas, falando de todas as formas possíveis e os adultos, a escola por muitas vezes ignorando-as porque precisam dar conta do tempo, do cronometro, da rotina pré-estipulada. Batista (1998, p.112) nos faz pensar que as práticas pautadas em uma rotina “pré-fixada” muitas vezes impedem que o adulto possa olhar, participar e compartilhar das ações e reações das crianças no cotidiano. Um exemplo disso é a organização das camas para o momento do sono, quando cada criança arruma a sua e a professora escolhe os lugares onde as camas ficarão. Após essa organização se dá início a chamada para o almoço; as crianças mais parecem com robôs, máquinas que precisam se organizar dentro de determinado tempo/espço.

A movimentação para o almoço acontece a partir das 10h45m, tendo as crianças meia hora para comer e escovar os dentes; a hora do soninho começa por volta das 11h30m sendo uma prática diária na escola e todas as crianças participam deste processo, porém nem todas dormem; o descanso encerra às 13h30m ou 14h. Atualmente as salas são organizadas com o básico, camas acopladas de plástico, roupas de cama trazidas pelas crianças, que chegam na segunda-feira e retornam para casa na sexta-feira (para serem higienizadas) e cortinas que são utilizadas para escurecer o ambiente; também fazem uso de rádio com músicas de ninar.

Durante este processo as professoras relatam que quando as crianças chegam na sala já foi tudo organizado; a partir daí se dá início há uma série de comportamentos, segundo a professora 1:

A organização se dá através dos horários da escola, tudo gira envolta dos adultos e depois se pensa no bem estar das crianças. Enquanto aguardam o sono chegar, conversam, pedem pra ir ao banheiro de cinco em cinco minutos, se mexem de um lado para o outro, demonstrando agitação e ansiedade durante o descanso.
P1.

É interessante pensar nesta colocação da professora, porque explica muitas atitudes de determinadas crianças, principalmente daquelas que não querem dormir, ou as vezes até querem mas falta algo naquele espaço, naquele momento para elas. Penso

que o sono é um momento de intimidade, que precisa ser pensado para se tornar especial, aconchegante, que transmita afeto e segurança. Para Rodrigues (2012, p. 112) “É uma entrega, um espaço que me convida, que me acolhe, de respirar mais fundo, de sentir o corpo, de encolher-se ou esticar-se, ficar de bruços ou entrar no útero, conversar, procurar o amigo, ou um objeto que lembra a minha casa”.

A partir daí lancei outros questionamentos a respeito de como o espaço do sono é apresentado para as crianças e se fosse possível transformá-lo como seria. Transcrevo abaixo algumas respostas, intercalando com as minhas reflexões.

Sugiro que haja sempre duas pessoas organizando este momento. Uma é suficiente para monitorar, mas para organizar é necessário duas pessoas (até as crianças deitarem e se acalmarem). P2.

Nesse momento é atenção total às crianças, o carinho e amor é importante para as crianças. Na minha opinião o soninho teria que ser em outro lugar, bem aconchegante, e fazer em pequenos grupos. P3.

Após o almoço as crianças se direcionam para as camas, as quais foram organizadas antes do processo do almoço, com o auxílio das professoras. Ao se deitarem, normalmente tem uma música baixa para que as crianças relaxem. Quando acordam organizam as roupas de cama, colocam seus calçados, vão ao banheiro e aguardam em sala com suas professoras a hora do lanche. P4.

Não existe uma organização muito efetiva, mas cada criança organiza sua cama, algumas vezes podem levar seu brinquedo em outros não. Este é um momento que preciso repensar e organizar, pensar algo para tornar este momento e todo o processo mais tranquilo, organizado e prazeroso. P5.

O primeiro relato é muito objetivo, e pode demonstrar que, em nenhum momento é pensado na criança e sim na organização e bem-estar do adulto. Fica nitidamente clara uma postura de controle sobre as crianças; não se fala sobre afeto ou organização do espaço para melhor atender as crianças.

No segundo e terceiro relato há questões de afeto, de prazer e lendo sobre isso me pego pensando o quanto é bom dormir com um carinho, um chamego, um cafuné e até mesmo uma música, sentir que sou importante, que sou querido (a). Imagina o que

isso significa para a criança que passa 10h por dia, 50h por semana, 200h por mês, 2.000h por ano dentro da escola, longe da sua casa, da sua família? Sentindo saudade de tudo e de todos, dos cheiros, das manias, das suas coisas. É um momento da criança? Sim, é! Mas acredito que é um momento de todos nós, é um momento que é nosso, pois sou responsável por isso, por essa organização, eu estou ali vivendo cada soninho, cada não querer dormir, cada suspiro, cada sonho. Então porque não pensar neste espaço com carinho e amor?

Redin numa reflexão sobre os espaços e tempos da criança na escola diz:

A escola nem se aproxima da casa onde as crianças pequenas possuem seus objetos, seus ritmos seus cheiros, ou seja, onde vivem a cultura da casa, e nem se aproxima daquilo que uma escola oferece como currículo. As crianças ficam num limbo, pois com a mudança da sociedade tirando as mães cedo para o mercado do trabalho, também precisam se adaptar à esse novo lugar escola, que nem é casa e nem é escola. Como possuem necessidades de alimentação, sono, higiene, esse lugar, escola de educação infantil, acaba compartilhando atos de intimidade, historicamente reservados ao recinto familiar, como sempre foi o dormir, comer, realizar necessidades fisiológicas, tomar banho, escovar dentes. (REDIN 2010, s.p.)

No último relato a professora fala sobre pensar melhor este momento de sono, para que seja mais tranquilo, organizado, mas para quem? Adulto ou criança? Quem é o centro do processo afinal? Por mais que tenha momentos de “protagonismo”, pois arrumam suas camas e de vez em quando pegam algum brinquedo, ainda assim penso que o espaço do sono deve ser mais organizado, pensado e principalmente planejado para as crianças, pois é um dos muitos acontecimentos pedagógicos do cotidiano escolar. Isso vem de encontro com o que diz Gomes e Carvalho (2004, p. 143) “para que ele seja bom, precisa ser pensado e planejado desde o momento em que a criança se prepara para ir à sala do sono até o momento em que acorda”.

Nestes três anos em que estou trabalhando diretamente com as crianças, em momento algum escutei alguma professora perguntar: - Você quer arrumar sua cama? Você quer dormir? Está com sono? Porém presenciei muitos acontecimentos em que a criança de uma forma ou de outra falava, esbravejava, gritava através de suas atitudes que não era dormir e arrumar a cama o desejo dela e sim apenas ser escutada, ser sentida, ser olhada para pelo menos ter um diálogo, um porquê. Na maioria das vezes as

crianças não sentem vontade de dormir, mas querem um carinho, um momento de descanso e ficar sentadinha em sua cama ou lendo um livro, talvez seja o que ela mais queira em alguns momentos e não apenas na hora do soninho, mas sim em diversas horas do cotidiano.

Com o início dos estudos na pós graduação passei a observar melhor tais acontecimentos e de certa forma a não aceitar esta prática pedagógica também interiorizada por mim. Busquei leituras, vídeos, charges, imagens que falassem um pouco desta escuta das crianças e por fim decidi pesquisar sobre o que as crianças pensam sobre dormir na escola, para então a partir daqui transformar as minhas atitudes e o cotidiano escolar em um ambiente de respeito às crianças. Paulo Fochi (2015, p.35.)

conceitua a escola enquanto um conjunto de contextos de vida coletiva, é compreendida aqui como um lugar da vida, tecido por vários fios juntos e em conjunto, tramados e constituídos pela ação do eu com o outro e do outro, que supõe estar em contínuo exercício de construção. Enquanto, nesse contínuo, juntos colhem e acolhem aprendizagens e descobertas sobre si, sobre os outros e sobre o mundo.

Desta forma a escola precisa ser entendida e vivida por todos os seus pares, pensando sempre no bem estar da criança, aprendendo com elas, se construindo e se constituindo escola com e para as crianças. Afinal que escola é essa que não aprende com suas crianças, que não as escuta, que não as enxerga?

Para encontrar respostas para tantos questionamentos que surgem durante a pesquisa e entender, de fato o que as crianças pensam sobre este assunto, organizei este estudo através de desenhos, questionamentos com as crianças, entrevistas com as professoras e estagiárias, bem como grupos de diálogos entre as professoras para observar a narrativa de cada uma delas. É uma pesquisa de abordagem qualitativa com reflexão teórica e análise dos dados obtidos.

3 – “O SONO DE MAIS TARDE, DE OUTRA HORA!...”

*- Profe! Me explica uma coisa...porque precisamos dormir todo dia e depois do almoço? Acho que pode ser só o sono de mais tarde né?!
Procurou achar respostas e claro não às encontro, então devolvo a*

*pergunta: - Qual sono de mais tarde? E ele responde: - Ah não sei!
Mais tarde, outra hora! (Bernardo da turma de 5 anos)*

Em um diálogo no refeitório Bernardo, me fala sobre o seu entendimento de sono, descanso e questiona “coisas” que estão latentes em seus pensamentos. Essa conversa foi de grande valia, pois passei a me questionar dia após dia sobre a hora do sono e a forma que este processo vem sendo conduzido dentro da escola pelas professoras e crianças.

Concordo com Carvalho (2005 p. 15) quando ele diz que a hora do soninho não pode mais ser vista como uma “prática que se baseia nas necessidades da instituição”, penso ainda que o cotidiano deve parar de girar entorno dos adultos. Mas de que forma fazer isso? Quando B. consegue expor o que sente e o seu entendimento sobre um dos muitos momentos que acontecem no dia a dia da escola nos prova o quanto essa prática está sendo conduzida equivocadamente, sem levar em consideração a voz e a escuta das crianças. Porém ao ler algumas respostas das professoras e estagiárias, percebo que a equipe sabe que é importante pensar sobre esse aspecto, como transcrevo a seguir.

A hora do soninho é um momento a ser pensado, pois faz parte do cotidiano da escola. Na equipe esse momento deveria ser discutido, analisado e planejado, pois o cotidiano deve ser planejado também. Algumas questões podem ser levantadas: Todas as crianças dormem? Sim? Não? O que é pensado para as que dormem? Acho importante contemplar as crianças que dormem, pois estão cansadas e tem necessidade desse tempo de descanso, mas também as crianças que não dormem deveriam ter um espaço pensado para elas, para que possam ficar “acordadas”. P2.

O que mais me chama atenção nesta escrita é a preocupação da professora sobre planejar o dormir e o não dormir, que tipo de convite estamos fazendo as crianças? E o que elas realmente estão pensando sobre isso? O espaço é convidativo, aconchegante? Como me sinto neste espaço? Pertencço ou não a esta proposta? Coutinho nos faz entender um pouco melhor sobre a questão do ambiente

Ter um ambiente aconchegante, que proporcione o descanso é, pelo que se percebe nas ações das crianças, algo que lhes agrada. Um ambiente que possibilite as relações, a expressão das múltiplas formas de linguagem, a vivência livre de seu imaginário. (COUTINHO, 2002, p. 8)

Faço um contraponto ainda em relação a fala da professora e a citação anterior, de nada resolverá ter uma sala bem pensada, planejada e cheia de boas intenções se a minha postura de respeito para com a criança, não sofrer mudanças. Com isso procuro refletir mais sobre a fala do menino B. e me pego pensando que quando ele diz: “Porque precisamos dormir todo dia e depois do almoço?” “O sono de mais tarde, de outra hora!” Seria um desabafo? Ou de alguma forma: - Olhe para mim! Me escute! Estou cansado! Seria esse o pensamento das crianças em meio a adultos tão preocupados com sua rotina já “lindamente” planejada, com os horários que precisam ser cumpridos?

Assim, com muitos pontos de interrogação podemos perceber a dimensão do quanto isso se torna sério e urgente de ser mexido e pensado em conjunto com as crianças. Abaixo organizei alguns recortes intencionais que nos convoca a pensar sobre a forma que as crianças estão sendo conduzidas, vistas em relação ao sono, cotidiano, escola, nesta perspectiva da pesquisa.



Fonte: <http://www.geharddemetz.com/>.

O artista Gerhard Demetz com suas obras de arte em madeira me faz enxergar a forma que muitas crianças se sentem hoje nesta configuração de “hora do soninho” e como, muitas vezes são vistas por nós professoras que vivenciamos com eles esse momento dia após dia. Até que ponto estamos, verdadeiramente, respeitando as crianças? Que autonomia, protagonismo é esse que se fala, se entende, porém não se pratica? E enquanto as escolas não pararem para falar sobre este assunto, especificamente, a infância continuará amarrada, sem poder de escolha, de tomada de

decisão, sem ser escutada, sendo forçadas a fazer o que não querem, o que não tem vontade.

Pensando em protagonismo infantil e dialogando com as professoras, vejo o quanto ainda falta esclarecimento e estudo sobre o que é protagonismo x autonomia, as ideias de cada uma delas se confundem com: deixar fazer tudo o que quer e limites exagerados, deixando desta forma de escutar as crianças e fazendo com que tudo vire controle e regras e/ou liberdade total para se fazer o que bem entende.

Em uma discussão sobre o modelo de educação italiano que defende mais autonomia e protagonismo das crianças, a educadora da escola Reggio Emília, Deanna Margini compreende o protagonismo infantil da seguinte forma: “Uns acreditam que o critério mais importante é o de resultados, para nós, são os processos, principalmente o da escuta. Isso tem mais valor”. (2013 s.p) Em relação a autonomia infantil, a educadora Iride Sassi, da mesma escola nos traz um exemplo de criança autônoma: “Com 5 anos de idade, é mais importante que o aluno seja autônomo, tenha uma boa autoestima, saiba estar com o outro e possa amarrar o próprio cadarço do sapato, do que qualquer tipo de conhecimento formal”.(2013 s.p)

Nas falas abaixo, duas professoras participantes da pesquisa falam sobre protagonismo e autonomia durante a hora do sono na escola e em outros momentos do cotidiano, sem utilizar estas palavras, mas que me reportam há um prévio saber.

“As crianças não são muito ouvidas, sabemos da importância dela estar no centro do processo, mas muitas vezes só a ouvimos quando nos convém. Precisamos repensar, estudar e discutir sobre a criança e de como coloca-la no centro do processo”. P3

Nem sempre são ouvidas. Aquela que acorda mais cedo fica na sua cama aguardando a hora de levantar. A que demora para dormir ou não quer, que pode acontecer é ser incentivada a tentar dormir. Ao mesmo tempo, a criança ainda não sabe de tudo, ou tem a sabedoria de decidir tudo na sua vida, já que a mesma está em processo de formação. O adulto ainda tem muitas decisões na vida da criança e é claro que se perguntarem “você quer dormir? Ela vai dizer não porque prefere brincar. Agora oferecer o sono, incentivar e sempre observar que essa criança específica não dorme nunca, é diferente. Acho que tem que existir um meio termo nesta situação do sono, não sendo tão rígido, mas também não tão liberal. E as escutas

do adulto com as crianças precisam existir, mas com bastante atenção e cuidado. P4.

Refletindo sobre os conceitos das professoras de Reggio e analisando as falas das professoras é que percebo o quanto o discurso, a teoria está presente, porém não na prática docente. Existe pressa, existe controle sobre os corpos nos fazeres da educação infantil e pressa e controle não combinam com protagonismo infantil, infelizmente não conseguimos dar tempo ao tempo, dar tempo das crianças serem crianças e de nós professores voltarmos a ser.

Janusz Korczak (1981 p. 99) sob um olhar de criança complementa... “Porque as coisas são assim: aparentemente a hora, contada no relógio, tem sempre a mesma duração, mas é como se dentro da gente existisse um outro relógio, contando um outro tempo”. São tempos diferentes, mas que nós enquanto adultos, deveríamos saber respeitar. É algo fácil de se fazer? Claro que não, acredito que é no exercício, por amor, no dia a dia, na persistência.

4 - CONVERSANDO COM AS CRIANÇAS. VAMOS OUVI-LAS?

Da mesma forma que as professoras relataram muitas inquietações para serem pensadas, assim as crianças também nos falam sobre o que sentem na hora do soninho. Chega o momento de ouvi-las e de analisar com sensibilidade e escuta atenta o que elas estão pensando sobre tudo isso que já foi falado nesta pesquisa. Escutar as crianças é a condição para tomar as melhores decisões (TRÓIS, BOMBASSARO, GUIMARÃES, 2011).

Segue abaixo um quadro de observação sobre o que elas falam, através de algumas perguntas realizadas com o auxílio de desenhos produzidos por elas:

CRIANÇAS	Não dormem porque não gostam.	Dormem, mas reclamam do tempo, barulho na sala e forma de ser acordada.	Não opinam, mas reclamam sobre o longo tempo de sono.
Amanda	X		
Bruna			X
Camila		X	
Davi	X		
Bernardo			X
Fernanda		X	
Gabriel	X		

Alguns desenhos sobre a hora do soninho, desenhos que falam, que transmitem um pensamento, que apresentam sentimentos bons e ruins:



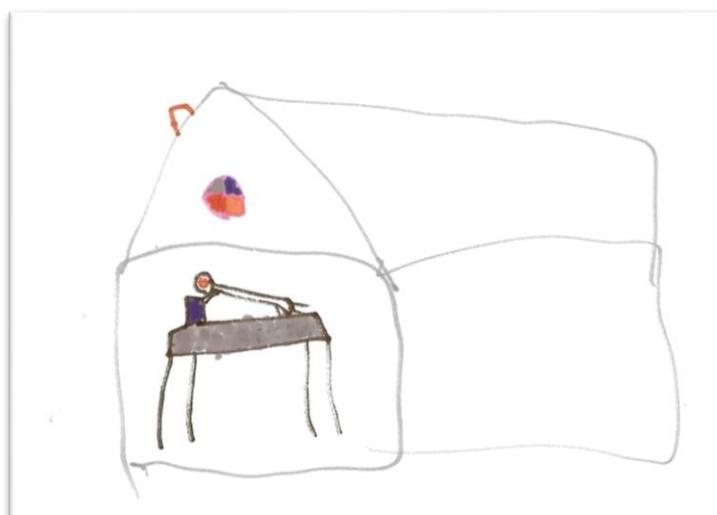
Amanda: *Eu e minhas amigas conversando depois de arrumar nossas camas. Sem dormir!*



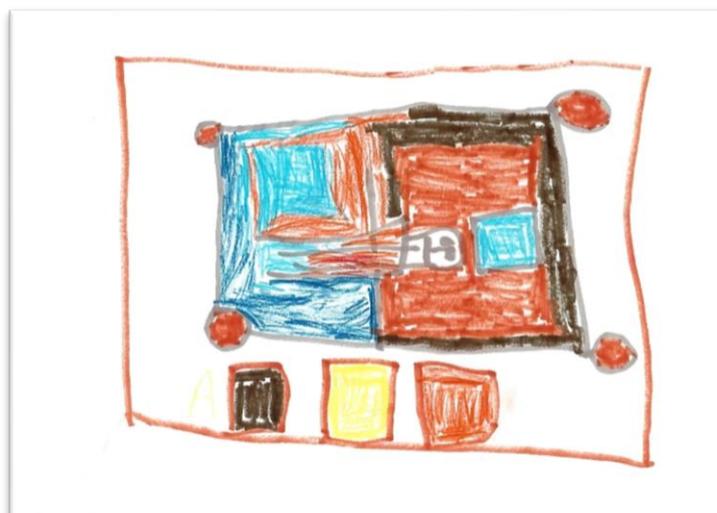
Bruna: *Durmo tanto que quando acordo pela professora fico assustada!*



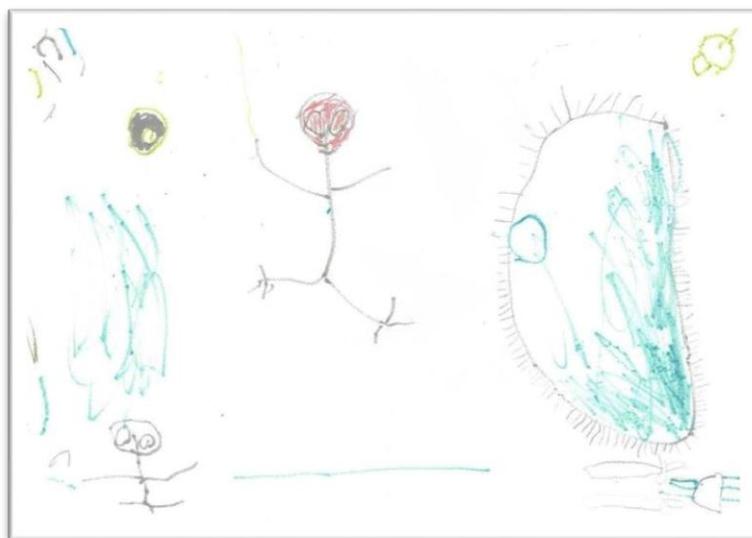
Camila: *A profe me fazendo carinho pra dormir e depois me acordando.*



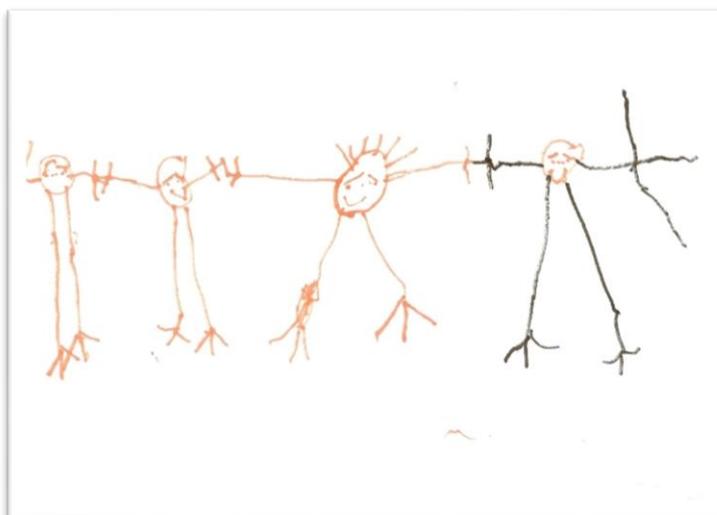
Davi: *Gosto de dormir na minha casa e com as minhas coisas.*



Bernardo: *Preferia brincar e não ficar deitado esperando o sono que não chega.*



Fernanda: *Tem muito barulho na nossa sala, demoro pra dormir. Desenhei o barulho.*



Gabriel: *Brincar com meus amigos é melhor que dormir! Não quero dormir!*

Ao começar a interpretar a coleta de dados, falas das crianças, entrevistas com as professoras, observação do cotidiano, fica comprovado que o sono não é um momento muito desejado pelas crianças, pois trazem argumentos fortes que justificam o não gostar, ou o dormir sem ter este desejo.

Propõem em inúmeras conversas enquanto desenhavam, momentos ativos de brincadeiras, de artes, de música, brincadeiras na pracinha, atividades de movimento que não as obrigue ao silêncio, ao corpo inerte, engessado, amarrado como nos mostra as imagens de Gerard Demetz.

Uma das crianças me instiga com a seguinte proposta:

Profe podia ter uma sala pra gente conversar e fazer o que tivesse vontade. (Davi).

As crianças não estão pedindo o impossível, estão de certa forma tentando dialogar com os adultos, trocar ideias, expor a sua opinião dizendo que a forma como o sono está sendo conduzido não está legal, não está tendo qualidade e sim obrigatoriedade.

Precisamos dar espaço de participação às crianças, entender que elas são protagonistas da sua história, do seu brincar, do seu agir, compreender e internalizar que elas, as crianças deveriam ser o centro do processo, centro da escola e de suas aprendizagens e não nós. Uma escola de turno integral, como esta da pesquisa, se torna uma escola de tempo de qualidade quando a gente consegue dar voz as crianças, através das suas múltiplas linguagens, das nossas escolhas, dos diálogos de todo os dias com os colegas, pais e crianças, do convívio e aceitação do imprevisível, do que não está no papel, planejado e pensado é que seremos atravessados pela infância, vamos conseguir viver o currículo das infâncias, que segundo Trois (2012)

Um currículo que é atravessado pela emergência de uma infância plural que pulsa, que vibra, que silencia, que interroga e que sobretudo age. Não é uma ação qualquer, mas uma ação que necessita ser olhada, investigada, vasculhada com olhos de quem quer ver. (p.158)

Temos uma ideia muito errônea de que nós temos que organizar, pensar, fazer tudo pela criança e na verdade é apenas ouvir, olhar para elas, pois são elas que nos mostram o caminho, mas isso quando deixamos elas serem protagonistas e autônomas em suas escolhas, quando temos um currículo pensado verdadeiramente para elas, caso contrário ficamos esbarrando todos os dias em propostas falhas, que não agregam e não dão visibilidade à criança, como ressalta Rodrigues (2012 p. 132)

Quando a vida não tem espaço, ficamos pensando em propostas que não dialogam com a criança real, buscando a fórmula e a receita que vai dar certo, estamos num lugar incerto, a imprevisibilidade faz parte da vida, não podemos nos agarrar a roteiros prontos, fragmentados e rígidos.

Posso afirmar através das falas das crianças e das observações, diálogos e experiências vividas com elas que a escola pesquisada tem professores que pensam na sua docência, no seu fazer pedagógico e outros que não, que acreditam apenas na organização e controle, pois acabam negando, de certa forma, experiências para enriquecer as escolhas e vivências delas na escola, os espaços, todos os ambientes precisam ser pensados para elas, especialmente o lugar do sono, este espaço precisa convidar todas as crianças, as que dormem e as que não dormem, não apenas para dormirem, mas para serem felizes e livres. Assim Nunes (2006, p. 19) nos traz a concepção de que espaços tempo para serem qualificados precisam ser pensados, “espaços e tempos aconchegantes, convidativos, legíveis e com materiais disponíveis que autorizem a partilha, o movimento e a autonomia”.

As descobertas, os desejos das crianças por outras propostas aparecem através de uma simples pergunta: O que tu gostarias de fazer aqui na escola se não precisasse dormir?

Queria desenhar, ler livros e até brincar! (Amanda).

Queria ficar em outro espaço, no ateliê pra fazer uma obra de arte. (Bernardo).

Uma sala com música e tinta pra gente pintar. (Gabriel).

É urgente e necessária a mudança, o estranhamento, a reflexão, a dúvida, os questionamentos, a reflexão, o estudo, as narrativas e escuta com as famílias, os colegas, as crianças. Temos que nos colocar no lugar das crianças e agir/mudar/ressignificar por elas, para elas e com elas.

5 - PORQUE EU TENHO QUE DORMIR AGORA?

Uma das muitas questões que abordei nas conversas com as professoras era se elas, durante o tempo de creche, na escola da sua infância, gostavam de dormir, questionei sobre o que sentiam; algumas diziam que era horrível, outras que gostavam. Experiências boas e ruins, mas nenhuma delas levava em consideração a voz das crianças, a vontade delas naquele momento, tinha que dormir e pronto.

Atualmente as práticas pedagógicas adotadas para este momento de sono e descanso, infelizmente, ficam comprovadas neste estudo que ainda são as mesmas de quinze ou vinte anos atrás. O que mudou? Nada! Talvez a utilização de alguns artifícios e/ou proposta pedagógica que não evidenciam as atitudes desta forma, mas estão lá, acontecendo, passando pelas crianças.

Neste momento, em frente ao notebook, em meio a tantas palavras e questionamentos, em um encontro comigo mesma, ainda me questiono: A hora do sono é um momento de descanso para quem? Professor(a) ou crianças? A necessidade do silêncio, da ordem é necessidade de quem? Quem precisa do descanso? Quem está cansado, afinal? É cultura das famílias dormirem após o almoço? As crianças apresentam resistência para dormir? Por quê? Vamos olhar para as nossas práticas dentro da sala de aula? Vamos começar a nos questionar sobre nossas escolhas e atitudes com as crianças? São questões possíveis de pesquisas para os próximos estudos, para melhor entendimento e organização desta hora tão importante vivida pelas crianças na escola.

Segundo Juliana Rodrigues (2012 p. 125):

Como vamos viver numa escola de tempo integral obrigando a todos dormirem? Pela ilusão de manter a ordem, o controle, submetemos as crianças a práticas que desrespeitem seus tempos, desejos e necessidades. A suposta “ordem” para os adultos é o caos para as crianças, que só é percebida quando a ouvimos e a vemos. Negando suas vozes impõem-se o que e como fazer, como se elas fossem “mudas”, estão ali, e precisam dormir. A que preço esse silêncio, que ouvimos quando todos estão dormindo? Elas precisam dormir para descansar? Quem está cansada? Um tempo que pode ser curto, mas que tem muito a nos dizer, que deixa marcas e que, conseqüentemente o dia da criança na escola vai ser nessa mesma ótica, somente no sono que não será respeitada e ouvida?

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a hora do sono com as crianças me trouxe vivências muito significativas e me possibilitou pensar em um currículo da Educação Infantil como a criança sendo o centro do processo e não os adultos. Também me proporcionou conhecer mais as crianças do contexto onde estou inserida, fazendo-me refletir, com o

auxílio dos teóricos e principalmente falas e desenhos das crianças e professoras pesquisadas neste estudo.

Ao longo da pesquisa vou compreendendo que as crianças apresentam argumentos convincentes para não gostarem da hora do soninho, pois ao não serem ouvidas, questionadas, se tornam meros expectadores dentro da escola, obedecendo a um relógio cronometrado pelos adultos, pelas professoras. O que pensam então as crianças sobre a hora do sono? Através dos resultados obtidos fica evidente que muitas delas não gostam de dormir, gostariam de participar de outras atividades, como artes, música, hora do conto, brincadeiras na praça.

Porém acredito que, se as professoras conduzissem esse momento de forma mais convidativa e autônoma essa pesquisa traria outros resultados, resultados de crianças participativas, que tem opinião e que são ouvidas, crianças que tem ao seu lado, não apenas um professor, mas um amigo que oferece credibilidade a potência e autonomia das crianças.

Com o término deste estudo percebo o quanto ainda temos que fazer pesquisas com as crianças, pois elas são o nosso parâmetro, são elas que nos dizem o que está bom e o que precisa ser melhorado, elas que nos mostram o verdadeiro sentido de uma educação infantil mais sensível, com olhos e ouvidos atentos as suas manifestações.

Por fim é importante destacar que algumas movimentações já estão acontecendo na escola estudada, como por exemplo, organização de espaços mais aconchegantes, hora do conto na hora do soninho, escolha de um objeto de casa para dormir, dia de dormir com seu pijama. Ações que acredito serem frutos dos diálogos, encontros e desencontros, que tivemos na escola durante a pesquisa, com a nossa prática docente, com o nosso ser professor e pessoa. Durante a pesquisa aparecem muitas interrogações, perguntas que precisam ser respondidas, refletidas, mesmo que ao longo do processo tenha encontrado algumas respostas ouvindo as crianças, ainda assim me deparo com muitas outras, que talvez ao longo do caminho serão aos poucos sendo apresentadas pelas crianças e por novos estudos e pesquisas.

Pesquisar é isso. É um itinerário, um caminho que trilhamos e com o qual aprendemos muito, não por acaso, mas por não podermos deixar de colocar em xeque nossas verdades diante das descobertas reveladas, seja pela leitura de autores consagrados, seja pelos nossos informantes, que têm outras

formas de marcar suas presenças no mundo. Eles também nos ensinam a olhar o outro, o diferente, com outras lentes e perspectivas. Por isso não saímos de uma pesquisa do mesmo jeito que entramos (ZAGO citado por GOBBATTO, 2003).

Referencias

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por amor e por força - rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BATISTA, Rosa. A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido. Dissertação de Mestrado, UFSC. 1998.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Educação infantil: práticas escolares e o disciplinamento dos corpos – UFRGS. 2005.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. Educação Infantil: Espaço de Educação e Cuidado. GT: Educação de crianças de 0 a 6 anos/ n. 07. UFSC. Agência financiadora: CAPES.

FOCHI, Paulo. *Afinal, o que os bebês fazem no berçário? : comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva*. Porto Alegre : Penso, 2015.

GOBBATO, Carolina. Os Bebês estão por todos os espaços! Um estudo sobre educação dos bebês em diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil. Dissertação de Mestrado, UFRGS. 2011

GOMES, Sandra Heloisa Pinto; CARVALHO, Rosana. Nana, neném...zzzzzz. In: Os fazeres na Educação Infantil. FERREIRA-ROSSETTI, Maria Clotilde; et al. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KORCZAK, JANUSZ. Quando eu Voltar a Ser Criança. 17. Ed. – São Paulo: Summus, 1981.

MALAGUZZI, Loris. História, Ideias e Filosofia Básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L e FORMAN, G. As cem linguagens da criança – a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artmed,1999.

REDIN, Marita Martins. Materiais, espaços e ambientes. UFRGS, Fórum de educação Infantil, 2010.

RODRIGUES, Juliana Beatriz Machado. A construção de uma escola de educação infantil de tempo integral: “cavando os achadouros da infância” – UNIJUÍ, 2012.

TROIS, Loide Pereira. O privilégio de estar com as crianças: o currículo das infâncias. Tese de doutorado. UFRGS, 2012.

_____; BOMBASSARO, Maria Claudia; GUIMARÃES, Rosele. Toda a escuta introduz o outro. In: Diversidade no Ambiente Escolar: ênfase na educação de crianças de 0 a 10 anos. BARBOSA, Carmen Silveira; FERNANDES, Susana Beatriz. Porto Alegre: Editora Evangraf. 2011.

<http://porvir.org/a-crianca-e-um-sujeito-ativo-deve-ser-escutada/> acessado em: 09/03/2017.

http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf acessado em: 05/02/2017.

<http://www.geharddemetz.com/> acessado em: 01/04/2017.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

CAREN FRANCIELE F. K. DE PARIS

**DORMIR NA ESCOLA: O QUE ISSO SIGNIFICA PARA AS CRIANÇAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL?**

SÃO LEOPOLDO
2017